

UM OLHAR REFLEXIVO SOBRE A CULTURA INDÍGENA

A relação entre índio e fotografia nunca foi uma relação fácil. Durante muito tempo, os índios se recusaram a se deixar fotografar, por razões místico-religiosas. Acreditavam eles que cada indivíduo é revestido de um certo número de capas auráticas, que algumas tribos chamam de *carom*, e cada vez que se saca de um índio uma foto, a câmera lhe rouba uma dessas capas, deixando o indivíduo mais pobre ou sem alma. No caso festa do kwarup, realizada regularmente pelos índios de várias tribos do Alto Xingu desde tempos imemoriais, inicialmente a presença do homem branco durante a festa não era permitida, mas depois passou a ser permitida com a condição de que não fotografassem ou filmassem. Foi preciso muito esforço de compreensão e de confiança entre as duas partes para que esses empecilhos fossem superados e é por essa razão que hoje podemos ter as imagens não só da vida cotidiana dos índios, como até mesmo da festa sagrada do kwarup. Hoje, não apenas os índios se deixam fotografar sem receio de perder a alma, como até mesmo parecem *posar* para a câmera, conforme se pode constatar nas fotos de Analívia Cordeiro.

Sem deixar de ter uma intenção artística evidente, as fotos de Analívia Cordeiro são um exemplo eloquente de investigação antropológica sobre a vida e a cultura dos povos do Alto Xingu. Em 1942, a célebre antropóloga Margareth Mead introduziu a idéia de uma *antropologia visual*, que autorizava essa ciência a utilizar imagens e sons como instrumentos de investigação e como metodologia de trabalho, antes restritos apenas à cultura escrita. Antropólogos logo se converteram em fotógrafos e cineastas, aprenderam a utilizar câmeras e a editar e mesmo os índios, eles próprios, a partir de um certo momento começaram a fotografar e filmar suas próprias vidas. Mas o caso de Analívia Cordeiro é um pouco diferente, porque vindo ela de um ambiente artístico, mas

com um sólido conhecimento antropológico, ela logrou lançar um olhar diferenciado sobre a questão de trabalhar com as imagens e os sons dos índios. Isso se pode constatar pelo fato da exposição ser híbrida, constituída não apenas de fotografias e um vídeo, mas também de esculturas instalativas realizadas pela autora a partir de conceitos e imagens da cultura do Alto Xingu. Essa, digamos assim, “heresia” jamais caberia nos círculos severos e acadêmicos da antropologia tradicional.

Não é fácil fotografar e filmar os índios. Uma festa como o Kwarup, por exemplo, se espalha por toda a tribo, muitas coisas estão acontecendo ao mesmo tempo em pontos diferentes da tribo e tudo é igualmente importante. Mas a câmera opera por recortes, ela só pode mostrar uma coisa de cada vez, dentro de um enquadramento limitado em termos de extensão. Por isso, é preciso uma certa inteligência para dar conta do todo através de uma sucessão de partes, tarefa que uma edição bem feita pode contribuir muito para lograr. Analívia Cordeiro é consciente de que um documentário não pode dizer tudo nem sobre a vida, nem sobre uma festa sagrada dos índios e ela mesma diz isso num dos comentários orais de seu vídeo, deixando portanto certas brechas e aberturas para que o observador possa preencher ele mesmo com sua própria imaginação.

Abrir a possibilidade de deixar-se fotografar e filmar pelo homem branco pode ser, de certo ponto de vista, um gesto político consciente: ao representar para as câmeras, ao teatralizar a sua cultura, os índios estariam afirmando a sua identidade, para si mesmos em primeiro lugar e para a sociedade nacional à qual esses enunciados audiovisuais se destinam em última instância. Talvez possa estar acontecendo um movimento inverso da invasão midiática (da televisão principalmente): no momento em que a cultura indígena passa a conviver com imagens e procedimentos de uma cultura estranha pra eles, o contraste pode tornar mais perceptível a diferença e despertar nos índios a

consciência de sua própria singularidade, condição necessária para um gesto posterior de autodefesa e de auto-afirmação.

Essas são questões que brotam do fundo da exposição Manuara de Analívia Cordeiro, uma exposição que nos propõe admirar os índios em sua própria beleza, bem como a exuberância de seu entorno, mas ao mesmo tempo refletir sobre o significado dessa ontológica diferença. No jogo entre os que vivem na selva natural das tribos e os que vivem na selva de pedra das grandes cidades quem sai ganhando e quem sai perdendo?

Arlindo Machado

Julho 2014